

## PERCEPÇÃO E DIFICULDADES DAS PROFESSORAS ACERCA DA SALA DE RECURSO UTILIZADA NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Recebido em: 23/06/2023

Aceito em: 21/07/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-006

Denise Caroline Feitosa <sup>1</sup>  
Gerardo Maria de Araújo Filho <sup>2</sup>

**RESUMO:** A pulsante necessidade de acolher com qualidade as crianças com deficiência no ensino regular fez com que o Ministério da Educação criasse o “Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais”. Objetivo: Analisar a sala de recurso de crianças com deficiência e suas tecnologias na percepção das docentes. Método: Participaram da pesquisa 6 professoras especialistas e 14 pais. Os instrumentos utilizados foram: um questionário para os educadores, dois questionários destinados aos pais. Resultados: Esta pesquisa demonstrou a precariedade tecnológica que as escolas enfrentam e as amplas dificuldades enfrentadas na aprendizagem. Conclusão: Ainda é preciso percorrer um longo caminho para que o aprendizado ocorra de forma satisfatória e implantados os recursos educacionais necessários. Desta forma, apresenta-se como necessária mobilização social para que o Poder Público cumpra seu dever no âmbito do ensino municipal e estadual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sala de Recurso; Educação; Assistência; Crianças Deficientes.

### PERCEPTION AND DIFFICULTIES OF TEACHERS ABOUT THE RESOURCE ROOM USED IN THE LEARNING OF CHILDREN WITH DISABILITIES

**ABSTRACT:** The urgent need to provide quality care for children with disabilities in regular education led the Ministry of Education to create the "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais". Objective: To analyze the resource room for children with disabilities and its technologies in the perception of teachers. Method: Six specialist teachers and 14 parents participated in the research. The instruments used were: one questionnaire for the teachers and two questionnaires for the parents. Results: This research demonstrated the technological precariousness that schools face and the ample difficulties faced in learning. Conclusion: There is still a long way to go before learning occurs in a satisfactory way and the necessary educational resources are implemented. Thus, social mobilization is necessary for the government to fulfill its duty in municipal and state education.

**KEYWORDS:** Resource Room; Education; Assistance; Disabled Children.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia e Saúde. Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, Faculdade Estadual de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). E-mail: [denise.feitosa@ub.edu.br](mailto:denise.feitosa@ub.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7510-6529>

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Neurociências. Departamento de Psiquiatria, Faculdade Estadual de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). E-mail: [gerardo.filho@famerp.br](mailto:gerardo.filho@famerp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7112-8456>

## PERCEPCIÓN Y DIFICULTADES DE LOS PROFESORES SOBRE LA SALA DE RECURSOS UTILIZADA EN EL APRENDIZAJE DE NIÑOS CON DISCAPACIDADES

**RESUMEN:** La urgente necesidad de proporcionar una atención de calidad a los niños con discapacidad en la educación regular llevó al Ministerio de Educación a crear el "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais". Objetivo: Analizar el aula de recursos para niños con discapacidad y sus tecnologías en la percepción de los profesores. Método: Seis profesores especialistas y 14 padres participaron en la investigación. Los instrumentos utilizados fueron: un cuestionario para los profesores y dos cuestionarios para los padres. Resultados: Esta investigación demostró la precariedad tecnológica que enfrentan las escuelas y las amplias dificultades enfrentadas en el aprendizaje. Conclusiones: Aún falta mucho para que el aprendizaje ocurra de forma satisfactoria y se implementen los recursos educativos necesarios. Por lo tanto, es necesaria la movilización social para que el gobierno cumpla con su deber en la educación municipal y estadual.

**PALABRAS CLAVE:** Aula de Recursos; Educación; Asistencia; Niños Discapacitados.

### INTRODUÇÃO

Na perspectiva educacional inclusiva, o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (BRASIL, 2007), com a pretensão de apoiar as redes públicas de ensino na organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e contribuir para o fortalecimento do processo de inclusão educacional nas classes comuns de ensino.

De acordo com (CORREA, ALMEIDA e NASCIMENTO 2017), esse atendimento deve assegurar o desenvolvimento social, cognitivo e intelectual do público-alvo através da execução de um trabalho pedagógico voltado à aprendizagem e à autonomia dos educandos. Os desafios e consequências da execução desse trabalho permitem refletir sobre as práticas que as instituições de ensino ofertam na educação especial.

Os novos ambientes de aprendizagem devem ser enriquecidos com materiais didáticos e com tecnologia embarcada (SOARES; HONORATO; MENEGUELLI; PORTILHO, 2016; SOARES, 2019). A nova sociedade do conhecimento oferece um grande potencial de recursos, na qual o computador é uma das ferramentas básicas para a aprendizagem.

As tecnologias inseridas e integradas às práticas pedagógicas como recursos contribuem para o processo de construção de conhecimento dos alunos, sendo apropriadas e complementares, de certa forma, ao método de ensino tradicional, apontando que seu

uso pode ser divertido e lúdico, porque os discentes aprendem brincando, o que é prazeroso e estimulante (MARTINS; MASCHIO, 2014).

Para (LOURENÇO 2008), as crianças com deficiência também participam do mundo tecnológico, já que diversas mídias fazem parte do seu dia a dia. Mesmo que muitas crianças, dependendo de suas limitações funcionais, não consigam utilizar diferentes aparelhos tecnológicos, elas convivem diariamente com tais recursos, interagindo cada qual à sua maneira.

De forma geral, as crianças chegam à escola trazendo consigo informações adquiridas em seu meio social e estão dispostas a compartilhar seus conhecimentos tecnológicos visando a uma troca de saber significativa. No entanto, a escola precisa estar preparada para recebê-las (BERG, 2013).

Há algumas décadas, as crianças aprendiam de modo passivo, recebendo somente o que os professores lhes transmitiam, e os educadores não as consideravam como agentes do seu próprio aprendizado (FERREIRA; VICENTI, 2017). Mas, após Paulo Freire e outros educadores, a educação foi repensada, passando a considerar a criança uma receptora ativa do seu aprendizado através de sua participação (FERREIRA, 2015).

É importante olhar para as tecnologias como ferramentas criadas para atender determinada função na sociedade em que se vive. As ferramentas tecnológicas, entre outras funções, são utilizadas para: registrar e reproduzir dados; acessar e recolher informações; organizar, produzir e criar; expressar, comunicar e cooperar; colaborar, brincar, jogar etc. (FOLQUE, 2011).

O aluno com alguma deficiência frequenta a sala de recursos e também deve ser estimulado a usar todo tipo de ferramenta tecnológica que a escola oferecer, facilitando sua aprendizagem e tornando-a prazerosa. Ele é uma criança que apresenta preferências, habilidades, gostos e desejos como qualquer outra (MACHADO; BERSCH, 2010; BERSCH, 2017).

De acordo com (ALVES e SILVA, 2023) é possível considerar que a escola regular, quando compatível com o seu papel, pode ser a melhor opção para pessoas com deficiência intelectual, mesmo com suas restrições. Embora enfrentando desafios na inclusão de indivíduos com características diferentes, a escola regularmente desempenha um papel crucial na construção de conhecimento científico e no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores. Isso possibilita o desenvolvimento psicológico das pessoas com deficiência intelectual, permitindo que elas tenham condições de mitigar e superar a adolescente educacional em que se encontram, quando detectaram as pessoas

com outras deficiências ou até mesmo alcançaram sem deficiência, quando obtiveram oportunidades de trabalho.

Dado o crescimento significativo de crianças com deficiência no mundo, é evidente a necessidade de estudos nesse campo para melhor compreender como as tecnologias podem contribuir para a inclusão educacional e o desenvolvimento desses alunos. Portanto, a justificativa para a realização de estudos nessa área reside na importância de aprimorar as práticas pedagógicas e promover uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Esta pesquisa aborda a percepção e as dificuldades das professoras em relação à sala de recurso no aprendizado de crianças com deficiência. Com isso, acredita-se que é relevante para o desenvolvimento de estratégias de apoio, incluindo treinamento adequado, recursos materiais e tecnológicos. A pesquisa preenche uma lacuna na literatura, aprimorando a compreensão dos desafios enfrentados pelas professoras.

Em termos teóricos, este estudo busca ampliar o conhecimento existente sobre a relação entre o uso de tecnologias e o processo de inclusão educacional. A revisão da literatura apresentada na introdução evidencia a necessidade de investigar como o uso de recursos tecnológicos pode contribuir para o desenvolvimento social, cognitivo e intelectual dos alunos com deficiência.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Analisar a sala de recurso de crianças com deficiência e suas tecnologias na percepção das docentes.

### **Objetivos Específicos**

Verificar o discurso de professoras a respeito do ensino especial.

Verificar quais e se existem tecnologia na sala de recurso.

### **Método**

Trata-se de estudo qualiquantitativo observacional-descritivo, segundo orienta (BARDIN 2016).

O estudo foi realizado no município de Fernandópolis, SP, em escolas do ensino fundamental que possuem a sala de recursos devidamente aprovada pelo MEC. Foram coletados os dados em 6 (seis) escolas da rede de ensino público durante o ano de 2019.

Todas as escolas do município que possuem a sala de recursos participaram da pesquisa totalizando 100% a amostra.

### Participantes

Participaram da amostra seis professoras especialistas em educação especial, que foram entrevistadas nas respectivas salas de recursos. Os critérios de inclusão foram professores especialistas em educação especial de crianças com deficiências intelectuais, tais como atrasos cognitivos, Transtorno do Espectro Autista, síndrome de Down, que estão inseridas no ensino fundamental. Já os critérios de exclusão consistiram de professores do ensino regular.

Para a convocação dos participantes, a pesquisa atendeu ao que dispõe a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012), que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

### Materiais

Na realização deste trabalho, foi utilizado como instrumento de pesquisa para os educadores do ensino especial um questionário composto por 13 questões. Os questionários utilizados na pesquisa são de própria autoria e as folhas de respostas foram mantidas em completo sigilo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Tecnologia no Auxílio da Aprendizagem de Crianças com Deficiência

Os profissionais da educação consideram importante o uso de novas tecnologias para uma aula dinâmica e ativa (Quadro 1), fugindo do método tradicional que as crianças enfrentam no dia a dia em uma sala regular (ALMEIDA, 2007; BERG, 2013; OLIVEIRA, 2016; BERSCH, 2017).

Quadro 1 Categoria de resposta das professoras sobre o auxílio da tecnologia na educação

Categoria	Resposta
Auxílio da tecnologia no aprendizado	<p><b>P<sup>1</sup></b> “Os recursos tecnológicos nos auxiliam principalmente para quem tem resistência na escrita. É imprescindível a escola fornecer; na minha sala, tenho apenas o computador e, às vezes, tenho que utilizar o meu particular. São [sic] com as tecnologias que conseguimos deixar tudo mais atrativo e conseguir criar ou até mesmo aprimorar habilidades da criança deficiente.”</p> <p><b>P<sup>2</sup></b> “É através das tecnologias, dos jogos <i>online</i> que consigo estimular a atenção, criar um interesse não só visual, mas também verbal. A escola não me dá suporte tecnológico, por exemplo, na sala tenho apenas um PC. Tem que ter vários recursos tecnológicos para desenvolver a habilidade que o aluno precisa.”</p>

	<p><b>P<sup>3</sup></b> “É no lúdico, visual, interativo, sonoro que as crianças aprendem, embora eu não tenha muitos recursos, mas tenho na sala 1 computador e 1 <i>tablet</i> e, ano que vem, a diretora prometeu uma lousa digital. Não me vejo sem a ajuda de <i>software</i>, principalmente para alunos com deficiência visual.”</p> <p><b>P<sup>4</sup></b> “Na minha sala, não existe recurso, muito pouco, computador velho, trava muito nos <i>sites</i> de ensino como sebran, músicas. A tecnologia sem dúvida ajuda a criança com deficiência, mas só tenho um computador, é complicado.”</p> <p><b>P<sup>5</sup></b> “Os recursos tecnológicos ajudam no meu caso, o visual, motora, clicar, ver a coordenação, deixam eles [os alunos] mais atraídos e concentrados. Trabalho bastante com o computador, o que é importantíssimo para o público que trabalhamos.”</p> <p><b>P<sup>6</sup></b> “Os computadores que possuo auxiliam o desenvolvimento e comunicação oral, fora que proporcionam uma diversidade na leitura, escrita, questões matemáticas, tudo que uma sala regular não oferece. Só penso que é necessário investimento municipal nestes aparatos, pois são bem antigos, a tecnologia é a moda da vez. Mesmo tendo limitações, as crianças possuem habilidades indiscutíveis quando mexem nelas.”</p>
--	---

Fonte: Questionário realizado pelos autores, 2019.

Na maior parte do discurso das participantes, observa-se que as escolas não oferecem recursos tecnológicos suficientes para inovação e aprimoramento da metodologia, disponibilizando instrumentos de ensino precários, velhos ou desatualizados.

A utilização de cada recurso provoca um impacto positivo sobre os educandos, favorece a autonomia, rompe barreiras sensoriais, motoras ou cognitivas que limitam ou impedem o acesso às informações (BERSCH, 2017), enquanto uma aula apenas expositiva gera desconforto e descontentamento diante da passividade daqueles que se quedam como expectadores e ouvintes, sendo certo que a aprendizagem é otimizada quando os sentidos são também estimulados (PACCOLA BLANCO; FARAH NAVAJAS, 2017).

Diante disso, nota-se a premente necessidade de que a escola assuma o seu papel como fonte de promoção do saber, dispense atenção necessária no cumprimento de suas obrigações legais e sociais e possibilite a inovação no método tradicional com investimentos suficientes nas salas de recursos, capazes de efetivamente cumprirem o seu objetivo.

### **Dificuldade no Processo de Aprendizagem**

Atender um aluno com deficiência na sala de aula é um desafio para muitos professores. Essa situação é bastante compreensível se se considerar que, para o acesso à informação, esses alunos dependem de recursos e de estratégias metodológicas diferenciadas, voltadas ao atendimento de suas especificidades.

Algumas docentes, ao serem indagadas sobre as dificuldades que enfrentam no dia a dia relacionadas ao ensino dessas crianças, trouxeram o seguinte relato (Quadro 2):

Quadro 2 Categoria de respostas das professoras sobre dificuldades encontradas na educação de crianças com deficiência

Categoria	Respostas
Dificuldades no processo de aprendizado	<p><b>P<sup>1</sup></b> “Falta de capacitação para podermos trabalhar de forma qualificada.”</p> <p><b>P<sup>2</sup></b> “Não aceitação dos Pais e a falta de outros profissionais para suporte e realizar orientações.”</p> <p><b>P<sup>3</sup></b> “A minha maior dificuldade é a aceitação da professora do ensino regular: casar professora e criança, ela aceitar fazer e cumprir as adaptações. Eu ajudo elas a fazerem e no final não ensinam isso, colocam apenas no papel e a criança fica só desenhando na sala de aula.”</p> <p><b>P<sup>4</sup></b> “A minha maior dificuldade é preencher as papeladas e relatórios no computador, também a discriminação que os próprios alunos sofrem.”</p> <p><b>P<sup>5</sup></b> “A família compreender todo o processo.”</p> <p><b>P<sup>6</sup></b> “A maior dificuldade é fazer com que os professores do ensino regular trabalhem de forma certa; quando eles chegam à sala de aula ficam esquecidos. Eles precisam adaptar, planejar e efetivar as necessidades acadêmicas. A criança chega e não consegue acompanhar, então, fica fragilizada e, quando vai para o ciclo 2, só piora.”</p>

Fonte: Questionário realizado pelos autores, 2019.

As participantes **P<sup>3</sup>** e **P<sup>6</sup>** consideram a falta de preparação por parte das professoras do ensino regular como dificuldade do aprendizado dessas crianças que frequentam a sala de recurso. Existe uma regulamentação que obriga a preparação e adaptação das grades, mas, na maioria dos casos, elas são apenas cumpridas no papel.

Alguns cuidados devem estar presentes no processo de ensino da criança com deficiência como, por exemplo, dividir a tarefa em passos menores, eliminar algumas etapas da atividade, como copiar enunciados se a criança tiver dificuldade para escrever, ou prover acompanhamento mais amigável, se a criança se distrai durante a execução da tarefa (DENARI, 2006; CHAPPELLINI; RODRIGUES, 2009).

Alguns professores acham que ajudam a criança dando-lhes atividades de pintura e desenho, enquanto o restante da turma faz outro tipo de atividade. Segundo (PORTO, LOPES, MARQUEZINE e LEONESSA, 2013), esse procedimento, porém, em nada contribui com a criança, ao contrário, na maior parte das vezes, essa estratégia faz com que ela trabalhe isoladamente em atividades que não têm relação com aquelas realizadas pelo restante da turma, desencadeando na criança um efeito negativo, diminuindo seu interesse em aprender.

Já as participantes **P<sup>1</sup>** e **P<sup>2</sup>** relatam que a falta de capacitações e orientações dificulta realizar o processo com qualidade. Por isso, é necessário o reconhecimento, por parte da escola e órgãos responsáveis, oferecendo formações e incentivos de continuidade de temas tão precisos e relevantes.

Analisando as informações obtidas em relação ao papel da escola diante da sociedade, notou-se também que é necessário descobrir os erros para trabalhar os acertos. O fato de a educação inclusiva ter-se tornado um direito respaldado por lei não significa que esteja sendo aplicada de forma correta e, não obstante, os professores também estejam capacitados para tal modelo educacional.

Tem sentido a inclusão se ela somente é praticada na teoria? Todavia, se sabe que, na prática, a teoria é outra, e há uma deficiência maior na falta de preparo do que na própria execução.

### Atividades Desenvolvidas na Sala de Recursos

Na análise, é importante destacar que a educação especial é regulamentada por normas, leis e diretrizes específicas. Sendo assim, é certo que a escola que possui aluno com qualquer deficiência necessariamente precisa disponibilizar uma sala e se encarregar de todos os processos legais para viabilizar a sua aprovação no Ministério da Educação (MEC).

O município de Fernandópolis, local onde foi realizada a pesquisa, está, em tese, devidamente enquadrado e legalmente habilitado perante o órgão educacional competente.

Quadro 3 Categoria de respostas das professoras sobre atividades desenvolvidas na sala de recurso

Categoria	Respostas
Atividades desenvolvidas na sala de recurso	<p><b>P<sup>1</sup></b> “As atividades são desenvolvidas com as necessidades de cada aluno visando ao desenvolvimento das habilidades do comportamento e adaptando competências.”</p> <p><b>P<sup>2</sup></b> “Depende da necessidade do aluno: se for parte motora, é específico como desenvolver pulsão, movimento de pinça.”</p> <p><b>P<sup>3</sup></b> “De acordo com a necessidade e habilidades que ainda não desenvolveu.”</p> <p><b>P<sup>4</sup></b> “São várias: jogos, diferentes tipos de textos, jogos pedagógicos, dependendo do desenvolvimento de cada aluno.”</p> <p><b>P<sup>5</sup></b> “Jogos, atividades, materiais recicláveis, cores, parlendas, alfabeto móvel.”</p> <p><b>P<sup>6</sup></b> “Trabalhar as atividades dos comportamentos habilitativos (acadêmicas e sociais), diagnósticos dos comportamentos que estão em defasagem e elaborar as atividades.”</p>

Fonte: Questionário realizado pelos autores, 2019.

Diante de um quadro com diagnóstico de qualquer deficiência em que seja verificada a necessidade de inclusão em uma sala de atendimento de ensino especializado, o aluno é encaminhado para a professora especialista e, assim, é criado um plano de ensino individual para o mesmo.

A Resolução n. 4/2009, em seu Artigo 9º, prevê que:

A elaboração e a execução do plano de AEE são de competência dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento (Brasil, 2009).

De acordo com os relatos das professoras participantes, o ensino da sala de recursos é realizado de forma individualizada para cada aluno.

Segundo Pacheco, Rosa e Marinósson (2007), a natureza prática de um Plano de Ensino Individualizado (PEI) depende tanto do ajuste educacional quanto de sua conexão com o trabalho geral da turma. As necessidades individuais do aluno são a base para sua elaboração, que é um esboço dessas necessidades e de como elas devem ser atendidas.

Em estudo realizado por Ingles e Zaboroski (2016) sobre a sala de recursos multifuncionais, são relatadas as atividades que devem ser desenvolvidas a partir dos interesses, necessidades e dificuldades de aprendizagem específicas de cada aluno, oferecendo subsídios pedagógicos que contribuam com a aprendizagem dos conteúdos na classe comum.

Oliveira (2016) entende que as salas de recursos multifuncionais representam um exemplo do emprego eficiente de uso da tecnologia assistiva no ambiente escolar, proporcionando uma educação inclusiva dentro da escola de ensino regular, que permite promover o atendimento educacional especializado (AEE). Entendida como qualquer recurso que facilite o acesso de alunos com necessidades especiais à aprendizagem, como alunos com deficiência, Couto Junior e Redig (2012) corroboram que uma proposta da educação inclusiva visa garantir o acesso e permanência desses alunos a todos os níveis de ensino, ou seja, acesso ao direito de frequentar o ensino de uma escola regular e receber todos os suportes para um atendimento educacional especializado por ela ofertados. Ao contemplar a acessibilidade ao ensino, a tecnologia assistiva proporciona a eliminação de eventuais barreiras de acesso à aprendizagem, comunicação e informação.

O AEE complementa a formação da criança deficiente, ao disponibilizar serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras à sua aprendizagem (Brasil, 2009). Assim, diferentemente da sala regular, o ensino de AEE favorece a construção de conhecimentos ao aluno com deficiência e sua participação na vida escolar. Desse modo, a sala de recursos multifuncional é um espaço que precisa estar preparado não somente com materiais didáticos, mas também com equipamentos interativos e

específicos que possibilitem, de forma efetiva, o ensino e a aprendizagem. É o que se pode compreender a partir dos depoimentos das educadoras.

## CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou concluir que:

O artigo destaca a importância da inclusão e ressalta que o ensino na sala de recursos multifuncionais é realizado de forma individualizada, levando em consideração as necessidades, interesses e dificuldades de aprendizagem de cada aluno.

- Ainda existem salas de recursos com pouca infraestrutura e recurso tecnológico, equipamentos insuficientes, assim como falta de manutenção dos já existentes, dificultando a implementação e aplicação de novas tecnologias ao ensino, o que gera impactos negativos na aprendizagem.
- Há **necessidade de oferta de tecnologia assistiva, com recursos e serviços especializados** que possam contribuir para proporcionar ou ampliar as habilidades funcionais de crianças com deficiência e promover, de fato, sua inclusão no ensino regular para construir uma vida independente.
- Há falta (ou falha) de inclusão escolar pela carência de adaptação curricular, que ocorre apenas em relatórios, assim como dificuldade de aceitação do diagnóstico pelos pais e o despreparo dos profissionais da instituição escolar.
- Em suma, o estudo em questão desempenha um papel fundamental ao sensibilizar a comunidade educacional sobre a necessidade de preparar as escolas para receber e utilizar tecnologias de forma inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta principal deste trabalho teve como objetivo descrever e avaliar os discursos sobre a percepção de professoras de crianças com deficiência que frequentam salas de recursos.

Considerando-se os dados coletados, foi possível verificar que, diante da individualidade de cada criança que possui habilidades ou dificuldades diversas, o plano de ensino é desenvolvido e pensado estrategicamente para cada aluno, buscando suprir as necessidades, atender os interesses e estimular a aprendizagem.

Na contramão do método tradicional de ensino regular, a sala de recursos tem como obrigação pedagógica e legal oferecer um atendimento escolar especializado para favorecer a construção de conhecimentos de forma dinamizada, sendo certo que um dos instrumentos necessários para que ela cumpra seu objetivo é a utilização de aparatos tecnológicos capazes de implementar uma rotina de aprendizagem diversa do ensino regular.

No mundo contemporâneo, eminentemente digital, é preciso fortalecer a capacidade de a criança, sem ou com deficiência, agir sobre o mundo, de forma legítima, reconhecendo-a como sujeito de suas ações. O uso do computador e de suas tecnologias poderia gerar impactos positivos na escola, em especial, para crianças com deficiência. Vale destacar que um dos empregos das novas tecnologias vincula-se ao uso dos recursos das tecnologias assistivas, cuja aplicação efetiva há de pressupor repensar o modelo de avaliação na escola, bem como as atividades mediadas por esses recursos para os alunos com deficiência.

Todavia, a carência de máquinas e programas adequados gera uma situação que se agrava, tendo-se em vista que parte desses alunos tem o primeiro contato com a tecnologia efetivamente na escola, diante da carência familiar de seus lares.

Assim, em vista da defasagem de equipamentos e programadas adequados e atualizados, a referida ferramenta é utilizada como forma de entretenimento e não com finalidades pedagógicas. Como verificado, esta foi a realidade apresentada nas escolas pesquisadas: ausência de meios tecnológicos eficazes ou até mesmo de tecnologias que auxiliem a educação, sendo comum que cada sala disponha apenas de um computador, muitos deles antigos e desprovidos de atualizações

Os resultados compilados tornaram evidentes as dificuldades enfrentadas por crianças com deficiência na sala de recursos multifuncionais, estando diretamente relacionadas à falta de preparação das professoras do ensino regular, comprometendo o processo de aprendizagem. Apesar das regulamentações existentes que incentivam a preparação e adaptação das atividades, na prática, muitas vezes essas diretrizes são negligenciadas. Além disso, a ausência de capacitação e orientação dificulta a qualidade do processo educacional. É de extrema importância que as escolas e os órgãos responsáveis reconheçam a importância de fornecer treinamentos e incentivos contínuos para os professores lidarem de maneira eficaz com as demandas da educação inclusiva.

Pelo apresentado, evidencia-se que ainda é preciso percorrer um longo caminho a fim de que se consolidem, efetivamente, as diretrizes da política brasileira de assistência à saúde

mental na infância e o atendimento à criança deficiente como um todo e sugere-se que outros estudos semelhantes sejam estimulados e realizados para contribuir e subsidiar melhorias para criança com deficiência.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ana Maria Cosvoski; LABRONICI, Liliana Maria; MAFTUM, Mariluci Alves; MAZZA, Verônica de Azevedo. Mapa da rede social de apoio às famílias para a promoção do desenvolvimento infantil. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 46, n. 2, p. 272-279, 2012.

ALMEIDA, Fernando José. **Computador, escola e vida: aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento**. São Paulo: Editora Cubzac, 2007. 96 p. (p. 24-30).

ALVES, Ana Paula Ribeiro, SILVA, Nilson Rogério, A pessoa com deficiência intelectual e a inserção profissional: a percepção da família - **Revista da Educação da UNIPAR**, Umuarama, v.23, n.1, p.110-137, 2023. ISSN 1982-1123

ARAÚJO, Maria Auxiliadora Ferreira; SILVA, Raiara Aguiar; MELO, Etelvina Sampaio; SILVA, Maria Adelane Monteiro da; MAZZA, Verônica de Azevedo; FREITAS, Cibelly Aliny Siqueira Lima. Redes sociais de apoio e famílias de crianças com deficiência: uma revisão integrativa. In: 7º Congresso Ibero-Americano de investigação qualitativa, 10 a 13 de julho de 2018, Fortaleza, CE. **Atas CIAIQ2018, Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, p. 585-594, 2018.

BARBIERI, Mayara Caroline; BROEKMAN, Gabriela Van Der Zwaan; SOUZA, Renata Olzon Dionysio de; LIMA, Regina Aparecida Garcia de; WERNET, Monika; DUPAS, Giselle. Rede de suporte da família da criança e adolescente com deficiência visual: potencialidades e fragilidades. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3213-3223, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. A experiência de ter um filho com deficiência mental: narrativas de mães. **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n. 9, p. 2141-2150, set. 2008.

BERG, Amanda Silva Pereira. **As tecnologias a favor das pessoas com necessidades educacionais especiais**. 2013. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Comunicação) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013.

BERSCH, Rira **Introdução à tecnologia assistiva**. [Internet], ASSISTIVA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, Porto Alegre, RS, 2017. 20 p. Disponível em: [https://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Portaria Normativa n. 13, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a criação do “Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais”. **Diário Oficial da União**, de 26.4.2007. Brasília, DF: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional da Saúde (CNS). Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, de 13 jun. 2013, seção 1, p. 59. Brasília, DF: CNS, 2012.

CERQUEIRA, Mércia Mascarenhas Fernandes; ALVES, Rafanielly de Oliveira; AGUIAR, Maria Geralda Gomes. Experiências vividas por mães de crianças com

deficiência intelectual nos itinerários terapêuticos. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3223-3232, 2016.

CHAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 355-364, set./dez. 2009.

CORREA, Daniela Alves; ALMEIDA, Josefina Ferreira Santos; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz. Atendimento educacional especializado e sala de recursos multifuncionais: sinônimo de Inclusão escolar. In: 10º Encontro Internacional de Formação de Professores – Enfope; 11º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional – Fopie, de 15 a 19 maio de 2017, Aracaju, Sergipe. **Anais...** Aracaju, SE, Universidade Tiradentes, v. 10, n. 1, 2017.

DEGHAN, Leila; DALVANDI, Asghar; RASSAFIANI, Mehdi; HOSSEINI, Seyed Ali; DALVAND, Hamid; BAPTISTE, Sue. Social participation experiences of mothers of children with cerebral palsy in an Iranian context. **Aust Occup Ther J**, v. 62, n. 6, p. 410-419, 2015 Dec.

DENARI, Fátima Elizabeth. **Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial**: da segregação à inclusão. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Editora Summus, 2006. p. 35-63.

FERREIRA, Maria de Fatima Matos; VICENTI, Terezinha. **O processo de inclusão do aluno deficiente no ensino regular pública na última década no Brasil**. 2017. 21 f. Artigo (Especialização em Educação Especial) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2017.

FERREIRA, Vivianne Cristinne Marinho Freitas. **Avaliação escolar de alunos autistas**: um estudo sobre a relação escola-família em uma instituição pública de ensino do município de Belém - Pará. 2015. 181 F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2015.

FOLQUE, [Maria Assunção](#). Educação infantil, tecnologias e cultura. **Pátio Educação Infantil**, v. 9, n. 28, p. 8-11, jul./set. 2011.

GOITEIN, Paula Cruz; CIA, Fabiana. Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 15, n. 1, p. 43-51, jun./jun. 2011. (Revista Semestral)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_defi-ciencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_defi-ciencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm). Acesso em: 13 mar. 2023.

LOURENÇO, Gerusa Ferreira. **Protocolo para avaliar a acessibilidade ao computador para alunos com paralisia cerebral**. 2008. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos, SP, 2008.

MACHADO, Rosângela; BERSCH, Rita de Cassia Reckziegel. **Tecnologias Assistidas – TA: aplicações na educação**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2010.

MAIA FILHO, Antônio Luiz Martins; NOGUEIRA, Louyse Amanda Nascimento Moraes; SILVA, Kamila Cristiane Oliveira; SANTIAGO, Roberta Fortes. A importância da família no cuidado da criança autista. **Rev. Saúde em Foco**, Teresina, v. 3, n. 1, art. 1, p. 66-83, jan./jun. 2016.

MARTINS, Onilza Borges; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. As tecnologias digitais na escola e a formação docente: representações, apropriações e práticas. **Revista Electrónica “Actualidades Investigativas em Educación”**, v. 14, n. 3, 2014.

MATOS, Bianca Emília de; CARVALHO, Laís Emanuele Pereira de. **O desenvolvimento psicossocial da criança com síndrome de Down na perspectiva da família: desafios e possibilidades**. 2018. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, 2018.

OLIVEIRA, Camila Dias de. **Recursos de tecnologia assistiva digital para pessoas com deficiência sensorial: uma análise na perspectiva educacional**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos, SP, 2016.

OLIVEIRA, Emília de Faria; LIMONGI, Suelly Cecilia Olivan. Qualidade de vida de pais/cuidadores de crianças e adolescentes com síndrome de Down. **J Soc Bras Fonoaudiol.**, v. 3, n. 4, p. 321-327, 2011. P1. **Relato**. Fernandópolis (São Paulo), 6 Jun. 2019.

P2. **Relato**. Fernandópolis (São Paulo), 6 Jun. 2019.

P3. **Relato**. Fernandópolis (São Paulo), 8 Jun. 2019.

P4. **Relato**. Fernandópolis (São Paulo), 6 Jun. 2019.

P5. **Relato**. Fernandópolis (São Paulo), 5 Jun. 2019.

P6. **Relato**. Fernandópolis ( São Paulo), 10 Jun. 2019.

PACCOLA BLANCO, Ozana das Graças; FARAH NAVAJAS, Paulo. Neurociência e os cinco sentidos na educação. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 361-368, mar./jun. 2017.

PORTO, Patrícia Padilha; LOPES, Esther; MARQUEZINE, Maria Cristina; LEONESSA, Viviane Tramontina. A sala de recursos multifuncional na visão de gestores municipais. In: VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, Londrina, de 5 a 7 novembro de 2013, Londrina, PR. **Anais...** Londrina, 2013. p. 3436-3447.

RAMIRES, Cristhiene Montone Nunes; BANCO-BARREIRA, Fátima Cristina Alves; PELUSO, Érica Toledo Piza. Fatores relacionados à qualidade de vida de pais de crianças com deficiência auditiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21 n. 10, p. 3245-3252, 2016.

SANTOS, Carla Chiste Tomazoli; MIRANDA, Chadya Samia Soares Pacondes de; SILVA, Kelly de Jesus Menezes da; PINTO, Maria Fernanda Proença; COSTA, Aline Santos da; MORAES FILHO, Iel Marciano de. Estresse emocional em famílias de crianças com necessidades especiais - revisão bibliográfica. **Rev Inic Cient e Ext.**, v. 1, especial 2, p. 247-249, 2018.

SILVA, Andrea Oliveira da; NAKANAMI, Célia Regina; TAMURA, Mirna Yae Yassuda; LOPES, Márcia Caires Bestilleiro; MESSA, Alcione Aparecida; BOTELHO, Nara Lúcia Poli. Grupo terapêutico de apoio psicológico para crianças em habilitação/reabilitação visual: contribuições ao desenvolvimento social. **Psicol. Hosp.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 24-42, jan./jun. 2017.

SILVA, Carla Cilene Baptista da; RAMOS, Luíza Zonzini. Reações dos familiares frente à descoberta da deficiência dos filhos. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, v. 22, n. 1, p. 15-23, 2014.

SOARES, Ítalo de Souza; HONORATO, F Felipe Henrique Marques; MENEGUELLI, Fábio da Silva; PORTILHO, Wanderson do Amaral. A influências dos meios tecnológicos no processo de ensino aprendizagem. **Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde**, v. [6, n. 4, p. 80-81](#), 2016.

SOARES, [Mariane de Araújo](#). **O espelho em duas faces**: reflexo do papel de pais e professores na escolarização de crianças com deficiência visual nos anos finais do ensino fundamental. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2019.